

## ANÁLISE DO PROCESSO DE ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA DE FALANTES CARIOCAS EM JOÃO PESSOA

### ANALYSIS OF THE LINGUISTIC ACCOMMODATION PROCESS OF SPEAKERS FROM RIO DE JANEIRO IN JOÃO PESSOA

LUCAS POSSATTI  
Universidade Federal da Paraíba  
lpossatti@yahoo.com

RUBENS MARQUES DE LUCENA  
Universidade Federal da Paraíba  
rubenslucena@yahoo.com

Este trabalho envolvendo acomodação dialetal se encaixa nos pressupostos teóricos da Teoria da Acomodação da Comunicação (Giles *et al.* 1991) e nos aportes teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (Labov 1972) e objetiva analisar a acomodação dialetal de cariocas residentes em João Pessoa, a partir da investigação do fenômeno da palatalização ou não palatalização da fricativa coronal /s/ em posição de coda final. O principal fenômeno variável em estudo é a pronúncia desta fricativa, podendo ser alveolar ([s], [z]) no dialeto pessoense ou palatal ([ʃ], [ʒ]) no carioca. Objetivamos a: verificar se ocorre o processo de convergência (não-palatalização); detectar as variáveis que exercem influência na acomodação; observar e descrever as diferentes atitudes linguísticas dos falantes. O corpus da pesquisa é composto de entrevistas com 6 informantes naturais da cidade de Rio de Janeiro que moram em João Pessoa há pelo menos 1 ano e têm pelo menos 18 anos de idade. Os resultados destacam a influência dos fatores identidade e atitudes linguísticas dos falantes no processo de acomodação linguística.

**Palavras-chave:** acomodação linguística, atitudes linguísticas, identidade

This work involving dialectal accommodation fits the theoretical assumptions of the Communication Accommodation Theory (Giles *et al.* 1991) and the theoretical-methodological contributions of the Linguistic Variation Theory (Labov 1972). It aims to analyze the dialectal accommodation of people from Rio de Janeiro that are residing in João Pessoa, by investigating the phenomenon of palatalization or non-palatalization of the coronal fricative /s/ in final coda position. The main variable phenomenon in study is the pronunciation of this fricative, which may be alveolar ([s], [z]) in João Pessoa or palatal ([ʃ], [ʒ]) in Rio de Janeiro. We aim to: verify if the convergence process (non-palatalization) occurs; detect the variables that influence accommodation; observe and describe the different language attitudes of speakers. The corpus consists of interviews with

6 informants from Rio de Janeiro who have lived in João Pessoa for at least 1 year and are at least 18 years old. The results highlight the influence of the factors identity and language attitudes of speakers in the process of linguistic accommodation.

**Keywords:** linguistic accommodation, language attitudes, identity

Recibido: 15 enero 2020

Aceptado: 03 marzo 2020

## 1. INTRODUÇÃO

**P**esquisas envolvendo acomodação dialetal, no Brasil, vêm crescendo em quantidade e ganhando força nos últimos anos, como, por exemplo, as de Marques (2006), Martins (2008), Chacon (2012), Lima (2013), para citar algumas.

Esta pesquisa objetiva observar e analisar a acomodação dialetal de falantes cariocas residentes na cidade de João Pessoa (Paraíba), a partir da investigação do fenômeno da palatalização ou não palatalização da fricativa coronal /s/ em posição de coda final. Este contexto fonológico foi escolhido devido ao fato de haver uma distinção clara entre o dialeto carioca e o pessoense: no dialeto pessoense a fricativa possui uma pronúncia alveolar ([s], [z]), enquanto no dialeto carioca, a mesma possui uma pronúncia palatal ([ʃ], [ʒ]). Desta maneira, temos uma clara distinção dialetal entre os dialetos pessoense (com a produção de animai[s], e pessoa[s]) e o carioca (com a produção de animai[ʃ], e pessoa[ʒ]).

Esta pesquisa se encaixa dentro dos pressupostos teóricos da Teoria da Acomodação da Comunicação (Giles *et al.* 1991) e nos aportes teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (Labov 1972). Esta última estabelece uma relação entre as variações da língua e os fatores sociais. A língua, então, é observada como um sistema heterogêneo e dinâmico, que está em constante mudança. Estas constantes mudanças podem ser observadas e previstas a partir do contexto linguístico, e seu progresso pode ser observado a partir do tratamento longitudinal dos dados.

Esta pesquisa se encontra em uma situação inversa à de Marques (2006), que estuda o falar paraibano em contato dialetal com o falar carioca. Deve-se atentar para o fato de que os cariocas que residem em João Pessoa estão em contato com um dialeto de menor prestígio em relação a seu dialeto natal.

Marques (2006) estuda as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em situação de contato dialetal, analisando a variação linguística decorrente do contato entre paraibanos e cariocas no Rio de Janeiro e de brasileiros e portugueses na cidade de Lisboa. A produção das vogais médias pretônicas marca uma diferença clara entre os dialetos em questão, o que torna possível a fácil observação do processo de acomodação linguística em contato dialetal. Foi através desta mesma linha de raciocínio que foi feita a escolha do fenômeno a ser observado em nossa pesquisa.

Os resultados obtidos por Marques (2006) indicaram que a acomodação ocorreu de maneira diferente entre o contato das variedades inter-regionais e as intercontinentais. Um intervalo de dez anos de tempo de exposição foi suficiente para notar-se a acomodação do dialeto paraibano em direção ao dialeto carioca, mas esse mesmo intervalo de tempo se mostrou curto para o processo de acomodação linguística de brasileiros residentes em Lisboa. Uma das possíveis explicações seria a diferença entre as pressões sociais presentes, sendo que no Brasil, os dialetos

nordestinos em geral são tidos como sendo de menor prestígio em relação a outros dialetos no país.

A partir destes direcionamentos iniciais, pretendemos observar falantes cariocas residentes em João Pessoa há pelo menos um ano, para que se possa tentar compreender o que subjaz nos processos de acomodação dialetal. Objetivamos a: a) verificar se ocorre o processo de convergência da não-palatalização em contexto de coda final na fala dos informantes; b) detectar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que exercem alguma forma de pressão na acomodação; c) observar e descrever as diferentes atitudes linguísticas dos falantes. Foram controladas diferentes variáveis para que nosso objetivo pudesse ser alcançado, e estas serão mencionadas ao descrevermos a metodologia deste trabalho.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A ideia de que a língua é heterogênea se consolidou graças aos estudos etnolinguísticos e à dialetologia. A partir de então, estudos que tentavam englobar o estudo da língua juntamente com os aspectos sociais começaram a surgir. Os estudos da variação e mudança linguística passam a ser mais frequentes graças às pesquisas levadas a cabo por Labov, que culminou com a proposição da Teoria da Variação Linguística (Labov 1972). A Teoria da Variação Linguística veio em contraposição ao modelo gerativo de Chomsky (1965), onde os aspectos sociais não eram observados e estudados.

A Teoria da Variação Linguística estabelece uma relação entre as variações da língua e os fatores sociais, e a sistematização destas variações permite sua análise de maneira mais precisa. A partir dessa concepção, a língua estaria sob constante influência dos mais diversos fatores sociais, sendo constantemente moldada por eles, sendo assim dinâmica e heterogênea. Desta maneira, o processo de acomodação a um novo dialeto não se desvincula ou independe dos fatores sociais, pois estes continuam presentes e influentes.

Em oposição ao paradigma laboviano, Giles (1973) critica o papel da formalidade-informalidade do contexto e o critério de “atenção à fala” (associados por Labov ao prestígio dos estilos de fala) e argumenta que eles poderiam ser interpretados como processos de acomodação interpessoal (cf. Giles *et al.* 1991). É o primeiro passo da Teoria da Acomodação da Comunicação, proposta por Giles (1973), originalmente como Teoria da Acomodação da Fala. Segundo esse autor, para atingirmos os objetivos da comunicação, realizamos ajustes em nossa fala, adaptando-a às nossas necessidades. Pessoas são motivadas a ajustar a fala, ou acomodar-se, como meio de expressar valores, atitudes e intenções para com os outros (Giles *et al.* 1982). A acomodação pode ser resultado de nossas atitudes para com o ouvinte ou ouvintes e pode fazer com que eles também ajustem seus próprios comportamentos e atitudes, podendo eles também acomodar como consequência. As acomodações podem trazer benefícios para um ou mais falantes envolvidos.

Dentro do arcabouço da teoria proposta por Giles (1973), o autor se utiliza de dois termos-chave: a convergência e a divergência. O termo *convergência* é usado para se referir ao fato de que o falante ajusta sua fala para produzir traços mais próximos ao falar do interlocutor. Por exemplo, pessoas podem convergir quando buscam por prestígio dentro de um grupo. Por outro lado, *divergência* refere-se a ao fato de que o falante reduz as semelhanças dialetais, acentuando traços que são diferentes do falar do outro participante da interação. Os traços ajustados podem

ser de vários tipos, incluindo variantes fonológicas, taxa ou velocidade de fala, pausas e inclusive movimentos corporais e gestuais.

Em uma situação de entrevista, o entrevistador deve ficar atento ao fato de que, por se tratar ainda de uma interação social, a convergência ou divergência estarão presentes, e a forma de falar do entrevistado, assim como o grau de formalidade da sua fala, não dependerá exclusivamente do contexto de entrevista ou do tema abordado, mas também do interlocutor.

Outro ponto importante a ser destacado é a questão da identidade do informante. A identidade de um indivíduo é importante e costuma refletir em sua fala. Suas atitudes e opiniões para com certos grupos ou dialetos podem facilmente ser fatores influenciadores para sua fala quando em contato com estes grupos ou dialetos. O falante pode, por exemplo, não querer ser considerado de um determinado grupo, e por isso divergir de sua fala. Em contraste, se um indivíduo quer ser reconhecido como membro do grupo, ele provavelmente tentará convergir para esse falar.

Em cada dialeto existem diferentes marcadores linguísticos (traços específicos a uma comunidade de fala), sendo alguns mais salientes que outros. Estes traços salientes são mais facilmente percebidos por alguém que não pertence à comunidade de fala. Acreditamos que os marcadores mais salientes são os que sofrerão maior influência dos fatores sociais de atitude e identidade do falante no processo de convergência. Estes fatores podem favorecer ou inibir o processo de acomodação do falante. Levando em consideração que o dialeto pessoense foi considerado de “menor prestígio” pelos informantes desta pesquisa (estamos considerando as crenças expostas pelos próprios informantes entrevistados) se comparado ao dialeto carioca, é mais provável que a convergência seja de menor intensidade e frequência do que se o processo fosse o inverso.

### 3. METODOLOGIA

O corpus desta pesquisa é composto por 6 informantes naturais da cidade de Rio de Janeiro que moram na cidade de João Pessoa há pelo menos 1 ano e que têm pelo menos 18 anos de idade. Pretendemos ainda aumentar este corpus para aproximadamente 20 informantes. Na tabela a seguir temos o perfil dos informantes:

<b>Informante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Cidade natal</b>	<b>Tempo de exposição</b>
1	F	22	Rio de Janeiro	4 anos
2	F	38	Rio de Janeiro	1 ano
3	F	23	Rio de Janeiro	2 anos e 1 mês
4	F	73	Rio de Janeiro	2 anos
5	M	18	Rio de Janeiro	7 anos
6	M	22	Rio de Janeiro	7 anos

Tabela 1. Perfil dos informantes

Fonte: Possatti e Lucena

É importante mencionar que nosso corpus inicialmente era composto por 8 informantes e que foi necessário remover 2 desses por serem ambos ex-militares e, desta maneira, exerceram grande influência sobre os dados e a análise estatística, chegando a comprometê-los. Isto se deve ao fato de que ambos saíram há muito tempo de sua cidade natal, mudando diversas vezes de residência em diferentes estados, mantendo desta maneira pouco contato com sua cidade natal.

Devido a isso, há um problema a ser notado. Os informantes haviam sido uniformemente estratificados de acordo com as variáveis extralinguísticas: tempo de exposição, idade e sexo. Ao removermos da segunda rodada dois informantes que se encaixam em duas categorias iguais, sendo ambos do sexo masculino e acima de 25 anos, temos que levar em consideração que alguns resultados quantitativos podem, por sua vez, ser parcialmente comprometidos, já que agora as variáveis sexo e idade não estão mais uniformemente estratificadas. A seguir temos a tabela desses dois informantes:

<b>Informante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Cidade natal</b>	<b>Tempo de exposição</b>
7	M	53	Resende	1 ano
8	M	51	Rio de Janeiro	6 anos

Tabela 2. Informantes removidos

Fonte: Possatti e Lucena

Como dito, a variável tempo de exposição permaneceu uniformemente estratificada, mas os fatores de idade e sexo, por sua vez, passaram a ficar desequilibrados, com quatro (4) informantes do sexo feminino e dois (2) do sexo masculino, quatro (4) abaixo de 25 anos de idade e dois (2) acima de 25 anos de idade. Com o futuro aumento do corpus este problema será sanado, mas por hora, os resultados obtidos nesta pesquisa, especialmente os de cunho qualitativo, ainda são significativos e reveladores.

As atitudes linguísticas de um indivíduo influenciam e refletem diretamente no processo de acomodação. Ao estudarmos atitudes linguísticas, uma importante preocupação é a de escolher o método mais adequado para os objetivos da pesquisa. Tendo cada método seus pontos positivos e negativos, é importante que se escolha o que mais se adéqua à situação e aos objetivos da pesquisa.

O método direto pode ser realizado através de questionários e tem o objetivo de obter informação de maneira direta, como o nome já sugere. Desta forma, é possível obter uma resposta direta do informante acerca de suas atitudes para com certo grupo ou dialeto. Neste trabalho, esse método foi utilizado e realizado em forma de entrevista, envolvendo perguntas relacionadas a questões de atitude.

O método indireto, por sua vez, tenta mascarar seus objetivos através de estratégias sutis. Mesmo que os informantes saibam que estão avaliando algo, este método tenta garantir que eles não saibam exatamente o que estão a avaliar. Este método muitas vezes requer uma disponibilidade maior de recursos e pesquisadores envolvidos, tornando-o menos acessível que o anterior.

Há, em ambos os casos, o risco de a resposta dada pelo informante não ser representativa da realidade. Isso não significa, porém, que o informante tenha mentido ao responder às perguntas realizadas, pois ele mesmo pode não estar ciente de todas suas atitudes e valores para com certos grupos ou dialetos.

O informante pode, no entanto, intencionalmente responder de maneira diferente da qual ele realmente pensa e acredita, devido a fatores sociais. Nem tudo é socialmente aceito ou bem visto, então respostas falsas podem ser dadas por eles por este motivo. Uma maneira de tentar evitar isso é a de garantir o anonimato do informante.

Foram feitas entrevistas com todos os informantes, constituídas de duas etapas, realizadas com a utilização de um gravador digital. A primeira etapa da entrevista consistia em perguntas gerais acerca de seus interesses pessoais ou experiências de vida (conforme a metodologia laboviana e as indicações propostas por Tagliamonte (2006)), com o intuito de fazer com que os informantes prestassem menos atenção à sua forma de falar, desta maneira se policiando menos com relação à língua. Na segunda etapa, realizamos perguntas mais específicas relacionadas às atitudes linguísticas com relação ao seu falar e o falar pessoense. A seguir temos alguns exemplos de perguntas específicas utilizadas:

1. O que você acha da sua forma de falar?
2. Há algo específico de que você gosta/não gosta na sua forma de falar?
3. Você considera que tem algum sotaque? Se sim, qual?
4. Alguém já criticou, elogiou, riu ou comentou a respeito da sua forma de falar?
5. Você já mudou sua forma de falar para adaptar-se ao seu entorno?
6. Com que frequência você visita, recebe visita ou mantém contato com pessoas de sua cidade natal?
7. Alguém já percebeu, em sua cidade de origem, alguma mudança na sua forma de falar, desde que você se mudou para João Pessoa?
8. Você acha alguns dialetos/falares mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender? Quais?
9. Diga, em poucas palavras, o que você pensava sobre a Paraíba antes de vir para cá.
10. E agora que está aqui, o que acha?
11. Você gostaria de falar igual aos paraibanos? Por quê?
12. Você acredita que sua fala mudou? Alguém já percebeu alguma diferença no seu

Os dados analisados nesta pesquisa foram os coletados a partir da fala mais espontânea, realizada na primeira etapa da entrevista, que é esperada que seja a mais próxima da fala natural do informante, por tratar de assuntos de interesse do entrevistado, ao mesmo tempo em que não

revela o verdadeiro intuito da pesquisa. Deixando o entrevistado mais à vontade, tenta-se amenizar os efeitos do Paradoxo do Observador (Labov 1972). Conseqüentemente, nessa primeira etapa, o falante não estaria atento à sua própria fala. Para a análise quantitativa dos dados, foi utilizado o programa estatístico Goldvarb X (Sankoff *et al.* 2005).

Para observar o processo de acomodação da fricativa coronal /s/ em posição de coda final, delimitamos a variável dependente como sendo a ocorrência ou não da palatalização do /s/. Neste caso, temos palatalização do /s/ como sendo padrão do dialeto carioca, enquanto a não palatalização caracterizaria a acomodação ao dialeto pessoense. Outros estudos envolvendo o falar pessoense foram feitos por Hora *et al.* (2010) e estes nos serviram como base para nossa pesquisa. Além desses estudos, as estruturas silábicas apresentadas por Câmara Jr. (1973), o modelo silábico apresentado por Bisol (1999: 702) e as contribuições de Câmara Jr. (2006) e Callou e Leite (2010) sobre as características fonéticas dos fones [s], [ʃ], [z] e [ʒ] são importantes bases para nosso estudo.

Para a análise estatística, foram controladas as seguintes variáveis independentes:

- a) **Tempo de exposição:** De acordo com Laver *et al.* (1979) e Trudgill (1998), o tempo de exposição é um fator que contribui de modo significativo para o processo de acomodação. De acordo com Trudgill, a partir da teoria da acomodação linguística desenvolvida por Giles (1973), pode-se argumentar que se um falante se acomoda com frequência a um dialeto ou modo de falar, esta acomodação pode com o tempo se tornar permanente. Optamos por controlar esta variável de maneira binária, sendo ela estratificada da seguinte forma: a) 1 a 3 anos de exposição; b) acima de 3 anos de exposição.
- b) **Idade:** O esperado por nós é que os informantes que entraram em contato com o novo dialeto em uma idade mais jovem sofram maior influência para convergirem; assim, a possibilidade que ocorra a convergência seria maior nos grupos de menor faixa etária. Jovens adultos costumam fazer parte de grupos de amigos, além de haver a possibilidade de sofrerem pressões ou influência dos mesmos para se adaptarem. Além disso, os jovens adultos estão sujeitos às pressões exercidas pelo mercado de trabalho ou outras necessidades que envolvem interações sociais. Controlamos a idade distribuindo os informantes em dois grupos, sendo eles estratificados de acordo com a idade: a) entre 18 e 25 anos de idade; b) acima de 25 anos de idade.
- c) **Sexo:** Procuramos observar se há alguma disparidade no processo de convergência, baseados na hipótese de que as pressões sociais são diferentes de acordo com o sexo do informante. É importante destacar que diversos estudos sociolinguísticos apontam que as mulheres tendem a ser mais conservadoras com o dialeto padrão. A exemplo disso temos os estudos de Paiva (2003), onde se constata, na maior parte dos casos, que mulheres tendem a utilizar mais as formas de prestígio, evitando desta maneira, formas variantes desprestigiadas. A autora ressalta também as diferenças entre os papéis sociais e culturais da mulher e do homem nas diferentes sociedades. Paiva reforça que esta variável não deve ser observada ou analisada de maneira isolada, pois outros fatores extralinguísticos como idade e classe social podem exercer grande influência sobre os dados. Somente a partir da correlação entre a variável sexo e as outras variáveis, poderemos constatar sua importância no estudo em questão. Para a variável sexo temos: a) feminino; b) masculino.

- d) **Motivação:** Procuramos, com esta variável, observar e constatar se a motivação individual da vinda para João Pessoa irá afetar o processo de acomodação. Uma vinda espontânea pode indicar identificação pessoal, aceitação, interesse, dentre outros fatores positivos e favorecedores, e sendo assim, podemos dizer que o indivíduo que espontaneamente veio para João Pessoa, seria mais receptivo ao dialeto local. Um falante que veio por motivos alheios à sua vontade, por sua vez, possivelmente seria menos receptivo para com esse dialeto, podendo assim se sentir desconfortável com o mesmo. Isso pode estar ligado aos fatores de identidade e atitude já mencionados. Controlamos a variável da seguinte forma: a) vinda obrigatória; b) vinda espontânea.
- e) **Contexto fonológico anterior:** Esta variável foi delimitada com o objetivo de identificar quais contextos fonológicos precedentes inibem ou favorecem a não palatalização, influenciando assim a possibilidade de acomodação. Controlamos, dessa maneira, o tipo de vogal que precede o /s/, sendo elas central ([a]), posteriores ([u] [o] [ɔ]) ou anteriores ([ɛ] [e] [i]). Seguem alguns exemplos:
- f) **Contexto fonológico posterior:** Esta variável foi selecionada com o objetivo de identificar em que medida os contextos fonológicos seguintes inibem ou favorecem a não palatalização e conseqüentemente o processo de acomodação. Observamos assim se a fricativa coronal /s/, em posição de coda silábica, é seguida de: a) pausa; ou b) consoante. Foi descartada qualquer ocorrência em que o /s/ passe para posição de onset, como no caso dela ser seguida de vogal ou pelo som de [s].

A análise estatística dos dados foi feita com a utilização do software Goldvarb X (Sankoff *et al.*, 2005), utilizado para análises estatísticas em pesquisas variacionistas. Além da análise quantitativa, será apresentada também uma análise qualitativa do corpus, como foi mencionado previamente neste trabalho.

#### 4. CONSIDERAÇÕES DE BASE QUANTITATIVA

A partir dos dados quantitativos, obtivemos uma média geral de 17,5% de acomodação nos 6 informantes em análise. Começaremos por observar os resultados quantitativos que, para nossa surpresa, tiveram pouca relevância para o fenômeno em pauta. De fato, apenas duas variáveis foram selecionadas como estatisticamente relevantes pelo programa: sexo e contexto fonológico posterior.

Em nossa metodologia, mencionamos que a variável sexo pode ser importante pelo fato de as pressões sociais envolvidas serem diferentes, sobretudo no que se refere aos papéis sociais e culturais na sociedade. Para a variável sexo, obtivemos os seguintes resultados:



Sexo	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Feminino	29/244	11.9%	0.43
Masculino	29/125	23.2%	0.63

Tabela 3. Acomodação do /s/ (não-palatalização) com base na variável sexo  
Fonte: Possatti e Lucena

Vale ressaltar, mais uma vez, que há mais mulheres (4) do que homens (2) na amostra, e devido a isso, torna-se difícil fazer qualquer tipo de afirmação. De toda forma, os resultados obtidos apontam para um maior índice de acomodação por parte dos informantes de sexo masculino. A diferença no índice de acomodação é considerável, tendo em vista que, para os informantes de sexo feminino, a porcentagem de ocorrência foi de 11.9% e o peso relativo de 0.43. Para os informantes de sexo masculino esta porcentagem é de 23.2%, com peso relativo de 0.63, como fator favorecedor para ocorrência da acomodação.

Uma possível explicação para índices tão díspares seria a percepção por partes dos informantes de que o falar pessoense seria de “menor prestígio” (crenças explicitadas pelos próprios falantes durante a entrevista) e, assim sendo, o dialeto estaria mais relacionado a formas mais desviantes da norma. Como adiantamos há pouco, a literatura sociolinguística aponta para uma posição mais conservadora em relação à norma por parte do sexo feminino. Nosso intuito, em pesquisas futuras, é abordar essa relação de maneira mais aprofundada.

O programa Goldvarb X também selecionou o contexto fonológico posterior como uma variável estatisticamente relevante, apontando para os seguintes resultados:

Contexto fonológico posterior	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Pausa	37/144	25.7%	0.68
Consoante	21/225	9.3%	0.38

Tabela 4. Acomodação do /s/ (não-palatalização) com base na variável contexto fonológico posterior. Fonte: Possatti e Lucena

O contexto fonológico, seja ele anterior ou posterior, pode exercer influência direta na produção de fonemas, causando ou favorecendo alterações de pronúncia. A partir desta tabela, podemos afirmar que o contexto fonológico seguinte de pausa favoreceu a ocorrência de acomodação, com o peso relativo de 0.68, enquanto o contexto fonológico seguinte de consoante inibiu a ocorrência de acomodação, com o peso relativo de 0.38.

Nossa explicação para esse resultado estaria no fato de que, em contextos com pausa, o informante seria capaz de se policiar um pouco mais com relação à variante utilizada. Nesse sentido, se há uma atitude favorável para a acomodação dialetal (como nossa análise qualitativa sugere), há espaço para a convergência. Os dados mostram claramente esse movimento: um peso relativo expressivo no sentido da acomodação dialetal em contextos de pausa.

Apesar de estas terem sido as únicas variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes, a variável tempo de exposição, mesmo sem um peso relativo, demonstrou ir de encontro com nossas hipóteses:

Tempo de exposição	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
<b>Alto</b>	35/189	18.5%	---
<b>Baixo</b>	23/180	12.8%	---

Tabela 5. Acomodação do /s/ (não-palatalização) com base na variável tempo de exposição  
Fonte: Possatti e Lucena

Estes resultados reforçam nossa hipótese de que um maior tempo de exposição favoreceria o processo de acomodação, pois o fenômeno possui ocorrência maior em informantes com maior tempo de exposição. Apesar de a variável não ter sido selecionada como estatisticamente relevante, a porcentagem reforça o que era esperado a partir de nossas hipóteses.

## 5. CONSIDERAÇÕES DE BASE QUALITATIVA

Tendo em vista que os resultados quantitativos não nos forneceram informações mais consistentes para a compreensão do fenômeno em discussão, optamos também por uma abordagem qualitativa dos dados. Assim, observamos os informantes individualmente e estabelecemos comparações de suas crenças e atitudes com o tempo de exposição e o percentual de acomodação dialetal.

Embora tenhamos restrição de espaço aqui e não possamos expor todas as nossas considerações a respeito do tratamento qualitativo dos dados, podemos adiantar algumas conclusões. Antes de mais nada, é preciso visualizar a porcentagem de acomodação de cada informante na tabela a seguir:

Informante	Sexo	Idade	Tempo de exposição	Porcentagem de acomodação
<b>1</b>	F	22	4 anos	9.4%
<b>2</b>	F	38	1 ano	7.2%
<b>3</b>	F	23	2 anos e 1 mês	9.1%
<b>4</b>	F	73	2 anos	32.4%
<b>5</b>	M	18	7 anos	14.1%
<b>6</b>	M	22	7 anos	32.8%

Tabela 6 - Porcentagem de Acomodação dos Falantes.  
Fonte: Possatti e Lucena

Com esta análise qualitativa, foi possível chegarmos a conclusões que não seriam possíveis apenas com os dados quantitativos. Um exemplo pode ser percebido ao compararmos os informantes 5 e 6, que são irmãos. Os dois têm o mesmo tempo de exposição, e pertencem ao mesmo grupo de faixa etária. Estes informantes têm o pai natural do Rio de Janeiro e a mãe natural da Paraíba. No entanto, ambos possuem um índice de acomodação bastante diferente um do outro (14.1% e 32.8% respectivamente).

Ambos os informantes relataram não possuir contato frequente com amigos ou familiares do Rio de Janeiro, no que trata da conversa falada, seja pessoalmente ou através de qualquer que seja o meio de comunicação. Porém, há uma diferença entre eles no que trata do contato e a experiência individual com a Paraíba. O informante 6 relatou ter vindo para a Paraíba previamente, por um período de dois anos, durante sua infância, com cerca de 6 anos de idade.

Tentamos compreender o motivo da disparidade entre os índices de acomodação deles, uma vez que há poucas diferenças entre os informantes no que se refere aos seus históricos sócio-geográficos, e isto leva-nos a dar atenção às atitudes linguísticas. Possivelmente, o próprio conjunto de atitudes e sentimentos destes informantes para com o dialeto pessoense tenha sido o maior diferencial. Estas atitudes nos permitirão então levantar e corroborar hipóteses sobre a ocorrência e a velocidade do processo de acomodação destes informantes.

Influenciadas por estereótipos e preconceitos, são estas atitudes que fazem com que pessoas julguem ou sejam julgadas pelo seu sotaque e seu modo de falar, e a partir das respostas dadas pelos informantes para as diferentes perguntas realizadas, fica clara a relação entre estas atitudes e o processo de acomodação

As crenças expostas pelos informantes nos permitiram confirmar hipóteses sobre a ocorrência e a velocidade do processo de acomodação dos informantes. Temos então, a seguir, alguns trechos das entrevistas com os informantes 5 e 6, em que foram feitas perguntas relacionadas às percepções linguísticas desses entrevistados:

Entrevistador (E) – O que você acha da sua forma de falar?

Informante 5 (I5) – No início, quando a gente tava vindo aqui, a gente tava vendo as transições [...] eu não me permitia mudar o meu sotaque

Informante 6 (I6) – Eu vivi lá e cá, então eu conheço os dois. Me sinto de lá... muito mais de lá do que de cá. Mas como eu já passei sete anos aqui, então eu acho que eu perdi muito o que eu tenho de lá. Mas assim, quando eu falo, principalmente nos primeiros anos que eu vim morar aqui... muita gente falava que eu falava assim, mas okay e tal hmm hmm, imita né, quando imita o carioca faz nhée, nunca tive problema nenhum, claro, é meu sotaque. Mas hoje eu consigo ouvir um carioca, eu consigo perceber quando ele tá falando carioquês.

E – Você já mudou sua forma de falar para adaptar-se ao seu entorno?

I5 – Não pelos outros... eu acho que eu não me permiti mudar por mim mesmo, porque eu gosto do meu sotaque, não sentia a necessidade de mudar e nem queria mudar.

É possível observar indícios de que o informante 5, ao se policiar, não apenas não procurava acomodar sua fala, como também evitava ao máximo o processo de acomodação ao dialeto pessoense. Já o informante 6, apesar de demonstrar através de sua resposta que se identifica mais com o dialeto carioca, não demonstrou nenhuma resistência para com o processo de acomodação ao dialeto pessoense.

E – Há algo específico de que você gosta/não gosta na sua forma de falar?

15 – O lance do *tchi*... eu sou apaixonado pelo *tchi* [...] é bonitinho.”

16 – Eu não gosto, é, do chiado... é. Eu aprendi a não gostar. Não exageradamente. [...] Quando eu chio demais [...] eu tento amenizar isso aqui, eu tô tentando tirar, eu tento me policiar pra tirar. Agora o que eu gosto é também um pouquinho do chiado [...] não gosto do *ti* do *ss*. Eu não gosto nem [de] um [nem] do outro, sabe? Eu gosto de ficar no meio.

Desta vez, ao compararmos as respostas de ambos informantes, podemos notar uma diferença em relação ao falar carioca. O informante 5 demonstra gostar de um traço de sua fala quando menciona o “*tchi*”, isto é a palatalização (no caso específico desse contexto, ela é específica do falar carioca e está ausente no dialeto pessoense). Já o informante 6 diz não gostar do “chiado” em sua fala, a ponto de se policiar para não produzi-lo, porém ele logo se contradiz ao dizer que este “chiado” também é algo que ele gosta, nos levando a entender que, por mais que ele evite produzi-lo, este ainda é um traço que faz parte de sua identidade e carrega certo valor para ele. Em seguida, ele diz que não gosta nem de um dialeto nem de outro, preferindo deixá-lo como um intermediário entre os dois. De toda forma, essas questões atitudinais parecem corroborar os nossos dados quantitativos.

A partir destas respostas, fica claro que o informante 5 gosta e se orgulha do dialeto carioca e de sua forma de falar, tendo uma atitude positiva com relação a esse dialeto. A respeito do dialeto pessoense, sua avaliação tende a ser, no geral, negativa. Podemos identificar exatamente isso no tratamento recebido pelo informante 5, ao chegarmos nesta pergunta:

E – Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira que falam?

15 – Quando eu cheguei aqui muita gente [...] olhava pra minha família com um jeito como se a gente fosse melhor do que eles. Não sei por que. Como se exaltassem. É do mesmo jeito quando um estrangeiro chega no Brasil. [...]”

Ele relata que ao chegar a João Pessoa, o tratamento que recebeu foi como o de admiração que comumente observamos acontecer para com estrangeiros que vêm visitar o país. Isto claramente demonstra o prestígio que o dialeto carioca carrega, e desta forma, cria-se uma barreira para a acomodação ao dialeto pessoense. Em seguida temos:

E – Você acha alguns dialetos/falares mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender? Quais?

15 – Bom, eu acho que o nordestino é, visando para quem tá vindo de fora... eu acho que o nordestino é o mais fácil de se entender, porque ele não arrasta muito. Apesar de ser uma tia, essas coisas, é uma linguagem bem mais falada... se a gente reparar, se encaixa muito bem..., mas de preferência, eu gosto do meu sotaque, eu gosto do paulista, eu gosto do Rio Grande do Sul, e Pernambuco... Pernambuco é legalzinho, é um nordestino carioca. (risos)

Mais uma vez podemos reparar que o informante 5 gosta bastante de seu sotaque carioca. Ele demonstrou que não se sente confortável com algumas características do dialeto pessoense, como o /t/ em “tia”, mas por outro lado, acredita que o dialeto seja de fácil compreensão para visitantes estrangeiros. Também são mencionados os sotaques com os quais ele mais se identifica e gosta, estando dentre eles, e talvez como principal, o carioca, enquanto o dialeto pessoense é descartado desta lista. Vejamos agora a resposta do informante 6 para esta mesma pergunta:

I6 – Ah tem. O paulista, mas o paulista que não tem aquele R retroflexo né... [...] Eu gosto mais do porta que treme a língua.

O informante 6 por sua vez, não chegou a mencionar o dialeto carioca ou o pessoense. Ele mencionou apenas o dialeto paulista, do qual ele gosta. Desta maneira, pode-se imaginar que para ele o dialeto carioca não possui a mesma significância tida pelo informante 5, e sendo assim podemos inferir que este fato possa ser favorável para o processo de acomodação deste informante (6) com o dialeto pessoense.

Quando indagados quanto ao interesse em retornar para a cidade natal, ambos responderam semelhantemente:

E – Tem interesse em voltar para sua cidade natal?

I5 – Olha, eu tinha bastante... bastante mesmo, mas hoje em dia eu já me adaptei aqui... não que eu não conseguiria viver no Rio de Janeiro... conseguiria tranquilamente, mas... Eu gosto daqui e se eu for me mudar vai ser pra outra região, não necessariamente o Rio.

I6 – Só para passeio

Nenhum dos dois demonstrou interesse em voltar a morar no Rio de Janeiro. Ambos demonstram estar satisfeitos em morar em João Pessoa, e caso o informante 5 decidisse morar em outro local, este não seria a cidade de Rio de Janeiro, de acordo com sua resposta. O informante 6 já pensou diversas vezes em voltar a morar no Rio de Janeiro, mas descartou a ideia devido principalmente ao fator de violência, dizendo que acreditava que a cidade esteja muito perigosa e violenta, e ao ser questionado se ele não achava João Pessoa uma cidade violenta também, ele respondeu que apesar de achar que sim, considerava a cidade muito mais calma e que o perigo se concentrava majoritariamente em regiões específicas da cidade. Ambos também apresentaram respostas semelhantes para a pergunta a seguir:

E – Considera as pessoas paraibanas receptivas/acolhedoras?

I5 – Lá no Rio a gente vê pessoas mais... sociáveis. Não da forma grosseira... que eu queira dizer, mas literalmente, você pode ver que se você conversar com um carioca ele vai se abrir muito fácil com você, entendeu? Ele vai conversar com você. Mas se você fala... puxar essa conversa com um nordestino, você vai ver que ele vai se sentir ofendido e tá achando que você tá tentando se intrometer na vida dele... entendeu? Ele é mais resguardado.

I6 – Os pessoenses, eles não são receptivos como são o pessoal do sertão, né, do brejo. O pessoal do interior da Paraíba é muito mais acolhedor do que o pessoal de João Pessoa.

Um dos fatores que a minha família pensou em voltar pro Rio de Janeiro é justamente isso, em João Pessoa as pessoas são muito distantes.

Para ambos os informantes, o fator da receptividade foi visto como negativo, desta maneira provavelmente os distanciando do novo dialeto. Esta opinião parece ser compartilhada dentre a maioria dos entrevistados para esta pesquisa.

Retornemos então a observar o que diferencia estes dois informantes, para que possamos mais profundamente entender o motivo da disparidade entre o índice de acomodação dos mesmos. A seguir temos uma pergunta que lida com a identificação e gosto pessoal específico a cada indivíduo:

E – Você gostaria de falar igual aos paraibanos? Por quê?

I5 – Não, eu não gostaria. Inicialmente porque eu não acho bonito. Eu não quero ofender, mas (risos) tem uma coisa que é bonita e tem outra que não, né. Eu não acho bonito... é o primeiro fator de eu não querer ter mudado meu sotaque. Depois porque são minhas raízes [...] o Rio de Janeiro é minha origem, então eu gosto de guardar isso, entende? Apesar de eu ter passado a minha adolescência aqui, o meu desenvolvimento foi aqui, mas, eu quero sempre ter a representação carioca em mim, pra mostrar que eu sou de fora (risos).

O informante 5 deixa claro dois motivos pelos quais ele não deseja falar igual aos paraibanos. O primeiro destes motivos é o de que ele não considera bonito o dialeto pessoense, sendo este um dos fatores que inibe sua acomodação, e em seguida completa dizendo que o Rio de Janeiro é sua origem e suas raízes, novamente fazendo com que ele não deseje mudanças em sua fala, pois se orgulha de suas origens.

I6 – Foi como eu disse. Eu não gostaria de falar nem como um paraibano nem como um carioca.

Por outro lado, o informante 6 novamente menciona seu desejo em permanecer com uma fala neutra ou intermediária entre os dois dialetos, afirmando não desejar assemelhar demais sua fala à paraibana ou carioca.

Como mencionado previamente, este foi o informante que mais acomodou, com 32.8% de índice de acomodação, enquanto o informante 5, apesar de possuir o mesmo histórico sócio-geográfico, tem o índice de acomodação de apenas 14.1%, corroborando a ideia de que os fatores de identidade e atitude exerceram grande influência para o processo de acomodação destes falantes.

A análise qualitativa dos dados revelou resultados interessantes para todos os informantes, e dentre eles os informantes 5 e 6 que foram aqui contrastados dão muita força à noção de que os fatores de atitude e identidade tiveram influência no processo de acomodação linguística. Esta comparação nos revela informações que não nos eram evidentes a partir apenas dos dados quantitativos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados obtidos, podemos concluir que há indícios consistentes da influência das atitudes linguísticas no processo de acomodação linguística. Em nossa pesquisa, o papel das crenças/atitudes dos informantes foi mais forte do que as variáveis sociais e linguísticas controladas. O sentimento de identificação com um determinado falar se mostrou relevante para o processo de acomodação linguística. Nesse sentido, estamos de acordo com Giles *et al.* (1982) que afirmava que a atitude linguística é de suma importância para identificar a extensão da acomodação, a percepção e o grau de aceitação da mesma.

Optamos por interpretar nossos dados quantitativa e qualitativamente por acreditarmos que ambas as análises são indispensáveis para uma compreensão mais completa dos dados. A análise quantitativa possibilitou identificar estatisticamente os fatores que estão contribuindo para a acomodação, enquanto a análise qualitativa possibilitou a interpretação dos dados subjetivos que contribuirão para a acomodação do novo dialeto ou a preservação do dialeto de origem. Por restrição de espaço tivemos que estabelecer um recorte de ambas as análises, para preservar o desenho completo da pesquisa.

Em nossa análise quantitativa foi possível observar a relevância do fator social sexo e da variável contexto fonológico posterior. Os informantes do sexo feminino se mostraram mais reticentes à acomodação dialetal, assim como os contextos em que não havia a presença de uma pausa.

Deve-se manter em mente, no entanto, que qualquer conclusão seria precipitada, tendo em vista que ainda estamos ampliando nossos dados, para termos uma visão mais clara dos fatores sociais e estruturais no processo de acomodação dialetal. Os resultados a que chegamos são preliminares e que um maior aprofundamento no cruzamento dos dados quantitativos e qualitativos esclarecerá ainda mais nossa percepção acerca dos fenômenos de acomodação.

Esperamos que este trabalho dê mais força aos estudos envolvendo acomodação dialetal no Brasil e no Nordeste, e que nos amplie a visão acerca de diversos processos linguísticos que ocorrem no contato entre dialetos, assim como da influência de diferentes fatores extralinguísticos, como os atitudinais e identitários.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bisol, Leda. 1999. A sílaba e seus constituintes, em Maria Helena de Moura Neves (Org.). *Gramática do português falado*. São Paulo, Humanitas Livraria: 701-702.
- Callou, Dinah e Yonne Leite. 2009. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso . 1973. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis, Vozes.
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso. 2004. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes.
- Chacon, Karoline Albuquerque. 2012. *Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa*, João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba (PB). Dissertação Mestrado em Linguística [mimeo].
- Chomsky, Noam. 1965. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Massachusetts, MIT Press.
- Giles, Howard. 1973. Accent mobility: a model and some data, in *Anthropological Linguistics*, 15: 87-105.
- Giles, Howard. 1980. Accommodation theory: some new directions, in S. de Silva (Ed.). *Aspects of Linguistic Behavior*. York, England, York University Press: 105-136.

- Giles, Howard, Ellen Bouchard Ryan and R. J. Sebastian. 1982. An integrative perspective for the study of attitudes toward language variation, in Howard Giles and Ellen Bouchard Ryan (Eds.). *Attitudes towards language variation: social and applied context*. London, Edward Arnold: 1-19.
- Giles, Howard, Nik Coupland e Justine Coupland. (Eds.). 1991. *Contexts of Accomodation: Developments in applied sociolinguistics*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Hora, Dermeval da, Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa e Walcir Cardoso. 2010. Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente?, in *Letras de hoje*: v.45, n.1: 71-79.
- Labov, William. 1966. *The social stratification of English in New York City*. Washington, Center of Applied Linguistics.
- Labov, William. 1972. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [2008. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo, Parábola. Trad. de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso]
- Laver, John e Peter Trudgill. 1979. Phonetic and linguistic markers in speec. in Klaus Scherer & Howard Giles (Eds.). *Social markers in speech*. Cambridge, UK: 1-32.
- Lima, Izete Souza. 2013. *Acomodação dialetal: Análise da fricativa coronal /s/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife*, João Pessoa, UFPB. Dissertação Mestrado em Linguística [mimeo].
- Lima, Izete de Souza e Rubens Marques Lucena. 2013. Influência de variáveis não linguísticas no processo de acomodação dialetal do /s/ em coda silábica por paraibanos em Recife, em *Revista Letrônica*: v.6, n.1: 161-178.
- Marques, Sandra Maria Oliveira. 2006. *As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal*, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp001806.pdf>.
- Martins, M. de S. 2008. *A palatalização de oclusivas dentais em contato dialetal*. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação Mestrado em Linguística [mimeo].
- Paiva, Maria da Conceição de. 2003. A variável gênero/sexo, em, Maria Cecília Mollica e Maria Luiza Braga (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo, Contexto: 33-42.
- Tagliamonte, Sali. 2006. The sociolinguistic interview, in Sali Tagliamonte, *Analysing Sociolinguistic Variation: Key Topics in Sociolinguistics*. Cambridge, Cambridge University Press: 37-49.
- Trudgill, Peter. 1986. *Dialects in Contact*. Oxford, Basil Blackwell.
- Trudgill, Peter. 1998. Language contact and inherent variability: the absence of hypercorrection in East Anglian present-tense verb forms, in Peter Trudgill e Jenny Cheshire. *The sociolinguistics reader: multilingualism and variation*. London, Published Arnold: 103-111.
- Sankoff, David, Sali Tagliamonte e Eric Smith. 2005. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto, Department of Linguistics, University of Toronto.